

CINE-JORNAL

3/2/1936

ANO I - N.º 16 — 3 DE FEVEREIRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



NESTE NÚMERO: UM CURIOSO ARTIGO DE MARLENE DIETRICH

Intervalo

LISBOA não é só a—varina!— Este molito decorativo da cidade branquinha (de sorriso alegre que lhe ficou de estar voltada para o mar) embora com um tipo com uma linha de desenho, e até por excesso literário, de alguns relatórios simplesmente, incarna a bem-aventurança de descobridores de mares de antanho, que fomos — não é mais do que um pormenor da missanga, da mania de farrapos de uma capital com tradições.

Repudio, contudo a afirmação dum jornalista francês que encontrava o maior pitoresco nas «varinas», vendendo bacalhau nas canasstras (!), e nesta cidade onde há o hábito de pôr caixas de palitos nas mesas dos restaurantes...»



Depois dos arcos góticos, da cenografia do recanto histórico e do bairro popular do bom-lom do Chiado — há um outro aspecto, o da Lisboa doméstica, o fechado meio familiar dum mundo interior, que parece adormecer no ar solene e misterioso que transparece dumas persianas cerradas.

Este bairro de moradias inacessíveis, cercadas dos muros que as isolam do bulício cidadão é o Lumiar.

Pois fui até lá de abalada. Não era uma reunião familiar ou uma sessão de «brides» o que me levava até aqui.

Eu ia muito simplesmente à Quinta das Conchas, que é como quem diz ao Estúdio da Tóbis Portuguesa.

Um muro sujo de líquenes. Depois o primeiro obstáculo: um porteiro céptico, o menos impressionável

que existe, e e entramos num mundo de papelão: cenário português, o «cachet» dum bairro com escadinhos, a casa de «vinhos e petiscos», palácios, um quiosque, um candeeiro de iluminação pública, cem por cento Câmara Municipal de Lisboa, e um campo de «fool-balls»; tudo isto envelhecendo na borrasca deste Janeiro cinófolo...

E aqui está um mostruário da Lisboa pitoresca, no variado colorido do seu carácter.

Do lado esquerdo, um casarão misterioso, tem pendurado um aviso pedindo silêncio ao viandante, sempre que estejam acesas as lâmpadas vermelhas.

Exactamente como as lâmpadas vermelhas acesas (sinal de que estão em actividade os trabalhos de filmagem) começava o sortilégio...

Entra-se no casarão quase depois de declarar uma «senha» e contra-senha ao fiscal de entrada. Mais avisos nas paredes. Lá dentro num emaranhado de tabiques, fios eléctricos e serpentinhas porque a cena decorre num teatro em pleno Carnaval.

Meio teatro, dum lado; do outro enxerga-se, dir-se-ia, os andaimes dum prédio em obras. Filma-se o «Trevo de Quatro Folhas»!

Numa frisa Nascimento Fernandes consome uma doença, a valer, que o tortura; mas reage e sorri e repele as cenas cada vez diferente e cada vez melhor. A seu lado, Beatriz Costa, o gineceu deste trevo, desempenha os versículos da planificação e de vez em quando conta aneddotas para a plateia, porque é preciso que a figuração da geral ria numa determinada cena da filmagem. O Costinha faz um jazz-bandista; um regente faz o que pode... e uma orquestra finge que toca mas não toca! A artista Mafalda compele a dança no palco da «morte do cisne» mais conhecida na Tóbis por «morte da peru»...

Mas voltando a Lisboa. «O Trevo de Quatro Folhas» sem o carácter regional dos filmes nacionais que o antecederam tem a pesar-disso, aqui e ali, uma figura, ou uma nota da Lisboa de sorriso alegre, geito que lhe ficou de estar voltada para o mar...

GUALTER CARDOSO

Entre outras gralhas que esmaltaram o meu precedente artigo, e que o leitor facilmente corrigir, há uma que carece de rectificação: onde se lê chamada estatística, deve ler-se chamada estilística.

Receitas para fabricação de estrelas

Um senhor muito americano, daqueles que fumam charutos, escolhem «grils» e têm no Banco uma continha calada, um produtor, para o designarmos pelo seu nome, acaba de ditar curiosos e prudentes conselhos.

São para uso das futuras estrelas, e no número de dez, o que lhes dá foros de verdadeiros mandamentos:

I — Nunca desvalorizem nem exagrem o valor da vossa beleza.

II — Não deixem queimar no turbilhão da vida a vossa mocidade e o vosso «charmes».

III — Não exagerem a dieta. Uma alimentação equilibrada, permitir-vos-á conservar a vossa linha e a vossa alegria.

IV — Não se casem muito novas. Têm tempo e não se arriscam a perder oportunidades magníficas.

V — Não bebam, nem fumem. A beleza depende duma saúde magnífica.

VI — Não prestem atenção aos lisonjadores. Aprendam a aceitar os cumprimentos com graça, mas nunca tomem a sério os vossos admiradores. Uma beleza «consagrada», sobrecarrega-se de arrogância — e perde o seu valor.

VII — Não pratiquem desportos violentos: desportos como o «golf», o «tennis» e a natação provocam o desenvolvimento de certos músculos, que são prejudiciais para a manutenção da linha.

VIII — Não vivam com a preocupação da perda da beleza e da juventude. Aprendam a envelhecer com cabeça, e abandonem os ares de ingenua, com que pretendem iludir os olhos.

IX — Não pintem o cabelo. A Natureza encarrega-se de lhes dar a cor que melhor vos convém.

X — Não abusem da caracterização. É contra-indicado sepultar uma beleza natural, sob uma aluvião de cremes e ingredientes. Acentuem os cílios, usem um pouco de pó de arroz e de «rouge» — e não é preciso mais nada.

E aqui está como em dez mandamentos, o nosso «produtor» misturou, com uma «autoridade» e um «a-vontade» digno de nota: a moral, a higiene, a psicologia, a anatomia, a filosofia e receitas de cozinha.

São colossais, estes «americanos»!

O Rato Mickey na «U.R.R.S.»

Até há pouco tempo, Mickey, o rato Mickey, podia considerar-se popular em todo o mundo, se não tivesse fechadas as fronteiras dum país com muitos milhões de habitantes. Com efeito, os filmes de desenhos animados de Walter Disney, como a maioria dos americanos, não entravam na Rússia dos Soviéticos.

Este estado de coisas mudou. Acaba de se realizar em Moscovo, o primeiro festival «Mickey Mouse».

O êxito foi rotundo, muito além do que se esperava. A policia viu-se em sérios embaraços, para conter os milhares de espectadores que pretendiam ingressar na sala em questão. O programa incluía os seguintes filmes: Os três porquinhos, O Concerto da Banda e Os Pinguins Enamorados.

Os críticos soviéticos, ao render tributo às qualidades artísticas e espectaculares das obras apresentadas, quiseram interpretá-las, sob o seu aspecto social. Na sua opinião Mickey personifica um capitalista e as suas aventuras são uma autêntica sátira. Um deles aventou: «Nos seus filmes, Disney apresenta-nos na realidade os «figurões» do mundo capitalista sob a forma de ratos, leitões e pinguins...»

Disney, é claro, desmentiu categoricamente que os seus filmes sirvam encoladamente seja que ideais forem. «São apolíticos, por natureza — e feitos», disse.



Peggy Fears, uma actriz que está fazendo furor na Cinelândia...

Aniversários

Fazem anos, este mês, entre outros, os seguintes artistas:

- 1 — Clark Gable
- 3 — Nora Gregor
- 3 — Mary Carlisle
- 6 — Ramon Novarro
- 6 — Ben Lyon
- 8 — King Vidor
- 15 — John Barrymore
- 18 — Jimmy Durante
- 22 — Robert Young

O inquérito do Filme «Daily»

Cêrca de 500 críticos americanos, responderam ao inquérito da The Film Daily, para designar quais as dez melhores fitas do ano. Os resultados foram os seguintes:

- 1.ª — David Copperfield (M-G-M)
- 2.ª — Lanceiros da Índia (Paramount)
- 3.ª — Denunciante (RKO-Radio)
- 4.ª — Princesa Endiabrada (M-G-M)
- 5.ª — Os Miseráveis (United Artists)
- 6.ª — Último Escravo (Paramount)
- 7.ª — Chapéu Alto (RKO-Radio)
- 8.ª — Broadway Melody de 1936 (M-G-M)
- 9.ª — Roberta (RKO-Radio)
- 10.ª — Anna Karenine (M-G-M)

A seguir, figuram Alice Adams (115 votos), Dark Angel (96), Images de la vie (89), Scarlett Pimpernel (84), Sequoia (84), Derradeira Vitória (83), G. Men (80), etc.

Filmes notáveis, como Não se fala noutra coisa e A Mentha dos Caracóis obtiveram apenas, respectivamente, 10 e 20 votos.

Os preceitos da mamã de Shirley Temple

Mrs. Temple é hoje uma pessoa célebre, por ser a mãe dessa deliciosa miuda, que dá pelo nome de Shirley Temple... Entrevistada por um jornalista, a mamã da «Menina dos Caracóis» deu sábios conselhos sobre a forma de educar as crianças:

«Não dêem ouvidos aos conselhos dos vossos vizinhos ou da vossa família. Só uma mãe conhece capazmente o filho e está apta a educá-lo, consoante a sua maneira de ser, a sua personalidade. Devemos ser sempre alegres, ante as crianças. Nunca lhes devemos falar das nossas preocupações ou desgostos. A irritabilidade é nefasta à educação das crianças.

«Quando Shirley era pequenina filia examinar por um especialista, que, depois de a ter, durante alguns dias, em observação, lhe prescreveu um regime

alimentar e uns cuidados que, de facto, tiveram o mais salutar dos efeitos sobre a saúde e a moral da criança.

«Quero acima de tudo que Shirley veja em mim uma amiga em que possa confiar e que a possa ajudar sempre. Faço o possível por não a desiludir, quando ela confia em mim.

«Das coisas mais importantes a observar é a maneira de tratar as outras crianças. Nunca devemos zangarmo-nos, para corrigir os seus defeitos. A criança poderá julgar que é imprescindível berrear, para conseguir qualquer coisa — o que seria desastroso para o seu carácter.

«Devemos ser sempre agradáveis e condescendentes. Obteremos melhores resultados, mesmo com crianças com génio, e tornaremos mais forte o amor e o respeito que elas nos devem consagrar!»

COMO NASCEU LOS ANGELES

TODOS sabem onde é Los Angeles, porque todos, e até as crianças, ouviram falar desse paraíso americano, onde as laranjeiras crescem ao lado dos poços de petróleo, onde há jardins de um encanto sem par, estendendo-se ao fundo de majestosas montanhas cobertas de neves eternas, e onde a indústria americana do cinema ergueu os seus maravilhosos estúdios. Todo o mundo sabe isto, mas o que nem todos sabem, é que a célebre cidade do filme era, em 1781, uma minúscula colônia, povoada por elementos mais que duvidosos e cuja população se compunha ao todo de onze almas, espanhóis, mestiços, índios, mulatos e negros.

No aspecto urbano de Los Angeles de nossos dias não se notará absolutamente nada, que recorde esse passado tão pouco decoroso da grande metrópole. Mas a sua evolução formidável é um exemplo magnífico de propaganda, à qual ela deve o seu renome internacional. O seu número de habitantes cresce constantemente de ano para ano. Em 1800, Los Angeles contava 313 colonos. Em 1890, já tinha 100.000 habitantes, em 1902 contavam-se 320.000, em 1909 construía-se o primeiro estúdio cinematográfico, que deu início a um novo «boom» ou especulação, em volta dos preços das propriedades; em 1920, o censo apurava 580.000 habitantes, e de 1930 em diante passou a abrigar mais de um milhão de almas. A par desta evolução urbana, nota-se um prodigioso trabalho civilizatório, que deu a Los Angeles encantos mil que atraíram e atraem novas correntes emigratórias.

Algumas cenas de «Os Amotinados do Elseneur» filmadas no Tejo



Le Vigan e André Berley, desavindos...



Idílio a bordo... Jean Murat e Winna Winfried



Uma sugestão do «Rainha Cristinas»? Winna Winfried dirige o barco...



Um novo desporto: Corridas de «ski», nas dunas. Da esquerda para a direita: Maxine Janning, Kay Sutton, Ann Shirley, Jane Hamilton, Lucile Ball e Phyllis Brooks. Seis raparigas, que são seis amores...

Dos amores de John Gilbert ao laconismo de Wells...

MORREU John Gilbert. Muito embora a sua personalidade já tenha sido focada em *Cine-Jornal*, quero, no entanto, contar-lhes dois episódios da vida do desditoso actor, demonstrativos da sua probidade artística e da intensidade da tragédia amorosa de que foi protagonista.

Filmava-se a «Grande Parada», o seu canto de cisne, a obra-prima de King Vidor, delírio das plateias de todo o mundo. John Gilbert, apesar da sua intuição cinematográfica e natural espontaneidade, trabalhava o papel que lhe coubera com amor e interesse.

«Tinha, no final do filme, — lembram-se? — de figurar um côxo. Para isso, não hesitou. Durante dias e dias, treinou-se para simular a maneira especial de andar dos «perna-de-paus». E conseguiu-o plenamente. Tão bem, que muito tempo depois da filmagem ainda se podia ver John Gilbert coxeando pelas ruas de Hollywood...

Onde falhou completamente foi no amor. Costumava ele dizer a Irving Thalberg, seu grande amigo: «Com as mulheres não tenho sorte. Adoram-me na tela, amam-me em sociedade, mas detestam-me na intimidade».

Tanto Olívia Burwell, como Leatrice Joy, Ina Claire ou Virginia Bruce, suas sucessivas esposas, deixaram correr o rumor, sem o desmentir, que o ardor sentimental do «eterno galã» era postício.

Conta-se até que um sábio americano, discípulo de Freud, pretendeu entrevistá-lo, o que aliás conseguiu, a fim de estudar o «complexo gilbertiano».

O falecido actor acolheu-o com a maior deferência mas evitou, habilidosamente, todas as perguntas com que o entrevistador o metralhou. Por último, pediu a um criado que lhe trouxesse o seu cão preferido, um «chow-chow» encantador, e interrogou:

«Caro doutor, o meu cão já há dias que não come. Que devo fazer?».

Resposta do sábio, entre ofendido e indignado: «Sou médico, presado senhor, e não veterinário. Não trato cães».

Ao que rematou John Gilbert, melancolicamente: «Então porque se supõe capaz de tratar do coração dum homem e dos seus sentimentos?».

H. G. Wells, o discutido Wells, o curioso visionário da vida futura, esteve em Hollywood. Hospedou-se em casa de Charlot. Dois génios sob um mesmo tecto. Num banquete que o último ofereceu ao prosador insigne de «Tónio Bunday», Cecil B. de Mille inquiriu-o acerca do criador de «Luzes da cidade».

Réplica de Wells: «Lamento Chaplin. É o único homem para quem Charlot não existe».

Porém, não terminam aqui os ditos

de espírito de Wells. Convidado para jantar na Academia de Hollywood levantou-se, na altura dos brindes, simplesmente para dizer: «Pedem-me a minha opinião acerca de Hollywood? A vossa cidade deixa-me muito de espanto!». E sentou-se...

Pasmo na assembleia. Os «hollywoodenses» que adoram a oratória acharam pouco para tão grande mestre. Pouquíssimo mesmo. Sobre tudo, se tivérmos em conta que o realizador dos «Dez Mandamentos» dispendera perto de um quarto de hora para o apresentar!

Afirma um jornal americano que filme puramente comercial deve conter:

30 % de cenas sentimentais: beijos, sedução, passeios ao luar, etc.

20 % de cenas evocativas da vida calma do lar.

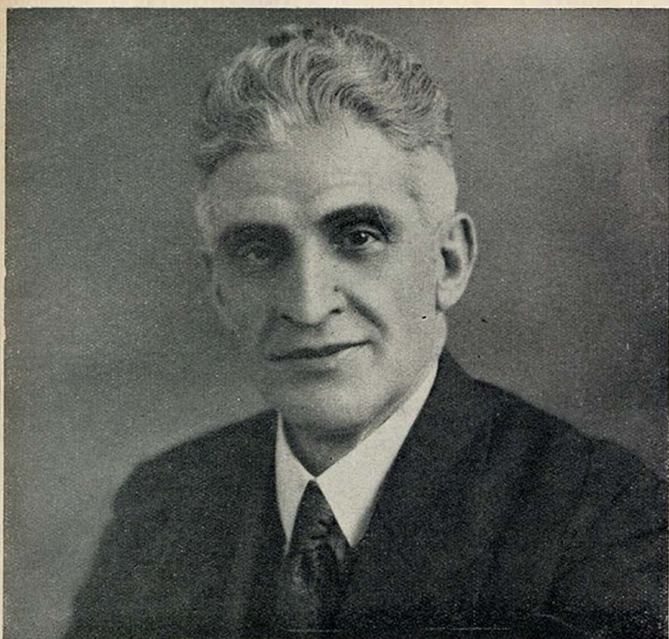
10 % de perseguição em automóvel, avião, caminho de ferro ou gasolina.

10 % de tiros e cenas policiais.

10 % de cenas várias.

Depois de tudo isto, tempera-se com excelente realização e melhor desempenho e serve-se ao público. O resultado virá traduzido em oiro. Uns «águias» estes americanos...

OPERADOR N.º 13



Don Ernesto Gonzalez

CINE-JORNAL EM ESPANHA

Conversa com Don Ernesto Gonzalez

decano da cinematografia espanhola e produtor de «LAS TRES GRACIAS» (versão espanhola de BOCAGE)

(Do nosso enviado especial)

DEPOIS de receber o telegrama de *Cine-Jornal* telefonei a Don Ernesto — que há alguns dias é das pessoas mais discutidas do meio cinematográfico e dos mentideros dos cafés da Gran Via onde se juntam as tertúlias do cinema, por causa de «Las tres gracias».

«As 4 horas — no escritório. E assim foi: Avenida Eduardo Dato, em frente ao Coliseo, num desses arranha-céus que são o orgulho da Madrid moderna.

— «Qué tal?».

É preciso ouvir, deste entusiasta do cinema que é Don Ernesto — com vinte cinco anos de ofício e um entusiasmo que vale por 25 anos de idade — o que ele pensa do cinema espanhol de hoje, do cinema português, do «Bocage» cuja versão ele mandou fazer, e de Leitão de Barros director português a quem ele quis dar o encargo de estudar para breve a realização de *Juramento de la Primorosa*, a célebre peça de Milan Astrai.

Porque, a verdade, é que num telegrama não se pode pedir mais do que o que pedia *Cine-Jornal*...

Don Ernesto é o tipo de espanhol educado, distinto, fino, «cabalero».

Recebe-nos na sua sala particular cheia de preciosidades e relíquias de

Espanha velha. É nessa intimidade que fala, com uma convicção, um ânimo, um entusiasmo que espanta. Onvi-lo é ficar a gente preso da sua palavra viva e elegante.

O cinema espanhol, diz Don Ernesto — faz neste momento um grande esforço, por ventura o maior que eu lhe tenho visto fazer.

Trabalha-se incessantemente. Eu próprio estou cheio dessa febre de produção. Foi, depois de tantos filmes que produzi e ajudei a produzir, ultimamente «Rosário la Cortijera» e «Oitavo Mandamento», ainda por estrear, e outras obras, que fui levado à convicção de que o cinema espanhol tem tudo a lucrar com o intercâmbio de valores, não só com os países parecidos — como Portugal e América Latina, como até com a França. Há que agitar. Renovar, não fazer barreiras, experimentar. Vi as «Pupilas» em Lisboa, no verão, e marquei logo que o homem que tinha feito aquilo, com os meios que há em Lisboa (ou havia nessa data) era alguém. Sabe encenar.

E isso é um dom raro que não se aprende. Temos aqui muitos valores, mas esse director português das «Pupilas», que vim a conhecer mais tarde e que quero que realize o meu próximo filme em Madrid, é um artista como temos cá poucos. Tenho a certeza de que

num meio maior, com os elementos de trabalho indispensáveis há-de fazer uma obra marcante, como a tem feito em Lisboa. Tenho 25 anos de prática da indústria cinematográfica.

Sou um velho amigo do vosso industrial Salomão Levy — e nós vimos desde o tempo em que o cinema era só para os audaciosos.

Agora o mal da indústria é a invasão de adventícios, que julgam saber tudo e compreender tudo de um golpe, e falam em nome de todos.

As mais das vezes arruinam-se pessoalmente, comprometem fortunas e satisfazem caprichos. Isso é mau para eles e para a indústria que às vezes toma aspectos desvairados com que ninguém lucra e que a desacreditam. É o que se dá aqui em Madrid, onde os salários, os encargos, estão por preços incompatíveis para uma boa exploração. Sem embargo, produz-se muitíssimo. Resta saber se se produz bem e se se ganha dinheiro.

— E o «Bocage»?

Contratei uma equipa de artistas novos. Vou a Lisboa com eles, trabalhar com Leitão de Barros, e desde já lhe digo que dou a esse director plena confiança. «Las tres Gracias» será um filme português que eu apresentarei em Madrid com muito gosto e alegria. Isso são elementos para aqui e para o mundo inteiro.

Depois, principalmente, vê-se um artista a pensar naquilo tudo. E isso é que é raro. Pode ser que eu me engane, mas se tudo correr bem como espero «Las tres Gracias» será um grande espectáculo e uma surpresa agradável.

— E os artistas?

— Isso é com o sr. Barros. Não lhe impuz ninguém. Irá daqui o melhor que estava disponível — primeiros actores e actrizes.

Pelos meus escritórios passaram algumas dezenas, antes dêle se decidir. Foi vê-los no cinema e no teatro, consultou fotografias. Vi-os falar, cantar e representar... Agora é com ele...

Estava acabada a conversa e satisfeito o *Cine-Jornal*, julho eu.

Madrid, Janeiro de 1936

A. SANTOS MELO



Maria Valdez — o protagonista da versão portuguesa de «Bocage»

CARTA DE BERLIM

Cidades que crescem, cidades que desaparecem

Mas, não é só na América do Norte que se verifica a existência destas cidades instantâneas. Do outro lado do Equador, na América do Sul, também há centros populosos, que surgiram de nada. A alta da borracha atraiu milhares de audaciosos às selvas da América do Sul, mas nenhuma das cidades edificadas conseguiu atingir o progresso sobrenatural de Los Angeles; pelo contrário, muitas delas desapareceram, antes de que os seus habitantes tivessem firmado pé nas novas paragens.

Há alguém que conheça, por exemplo, Ciudad Vieja? Era, na época da colonização, uma cidade próspera que, fundada em 1524, se elevou rapidamente a capital de Guatemala. O destino, porém, foi-lhe adverso. Uma terrível erupção aquática do vulcão del Agua arrasou-a por completo, e poucos anos depois, Ciudad Vieja era somente uma pequena aldeia de índios. Além dos flagelos da Natureza, foram também as especulações financeiras que arruinaram a prosperidade de muitas cidades outrora importantes. O caminho trilhado pelos pioneiros europeus, que, tendo descoberto as riquezas do país, se entregaram a uma luta desesperada contra os perigos da floresta virgem, dos desertos e das feras do mato, é marcado pelas ruínas de muitas povoações que fundaram e que não conseguiram resistir às inclemências da sorte.

Donogoo Tonka era também uma dessas povoações, que haviam surgido do nada. Os primeiros povoadores foram meia dúzia de homens empreendedores, à mistura com aventureiros que tinham ido para Donogoo Tonka atraídos pelo boato de que o seu solo abrigava riquezas em conta. Nada se sabia de positivo, e nem sequer existiam elementos de estudo, que permitissem averiguar a verdade. Os mais audaciosos foram para lá, dispostos a desvendar os segredos do sub-solo. Aliás, pouco perdiam com isso, visto que pouco ou nada possuíam. E Donogoo Tonka foi surgindo do nada. Vieram as primeiras casas e as primeiras ruas, e pouco depois já tinha uma regedoria e uma prefeitura da polícia, à qual a heterogênea população da nôvel cidade dava bastante que fazer. A imprensa principiou a publicar largos artigos sobre Donogoo Tonka. A cidade dava que falar, era uma autêntica sensação. Mas somente durante alguns dias, visto que semanas depois já ninguém falava de Donogoo Tonka que, entretanto, se convertera em amarga desilusão.

A breve história da prosperidade e decadência de Donogoo Tonka com os dramas, a que deu lugar, nesse ambiente tropical da América do Sul, é relatada circunstanciadamente no novo filme *Donogoo Tonka*, que se acaba de concluir, nos estúdios de Neubabelsberg, sob a direcção de Reinhold Schünzel.

Berlim, Janeiro de 1936.

M. SANTOS E SILVA

O RAPAZ MILIONÁRIO

Protagonista: EDDIE CANTOR

ARGUMENTO

Realizador: ROY DEL RUTH

1 Edie vivia numa barcaça, que se baloiçava preguiçosamente nas margens do Hudson. Órfão, fora recolhido por um bando de malandrões, misto de pedintes e de «gangsters». Entretanto, para o consolar de tantos males tem o sorriso de Tools, a sua vizinha, e um bando de garotos, endiabrados.



2 À saída do paquete, salva uma linda rapariga dum faldriqueiro. É a bela Fannya, filha dum «Cheik», e que se agarra a ele aos beijos, numa sofreguidão desconcertante. Eddie aguenta-se no balanço conforme pode, e Fannya leva consigo o herói, para o palácio sumptuoso do senhor seu pai...

3 No paquete, que o vai conduzir ao Egipto, para entrar na posse do tesouro, Eddie fica admirado ao receber a visita duma linda rapariga, que, durante algum tempo, foi a companheira do velho sábio e que lenta convence-o de que é sua mãe — e que, portanto, tem direito, igualmente, a entrar na posse do tesouro...



4 A morte ou casar com Fannya?... Eddie hesita. Mas decide-se. Enquanto há vida há esperança... E o nosso herói trava conhecimento com as 130 futuras sogras, tantas são as beldades do harém do «cheik». Para se livrar dos perigos que corre no meio de tantas lentações, loiras e morenas, Eddie evoca a doce Tools...

5 Não tem, porém, que se preocupar com isso. O pai de Fannya jurara aos seus deuses, vingar a memória dos antepassados, cujos túmulos haviam sido profanados, pelo arqueólogo sacrilego. Decidiu suprimir os descendentes que se apresentassem a requerer a posse do tesouro. Eddie revela a sua identidade.



«O RAPAZ MILIONÁRIO» É UM FILME DA «UNITED ARTISTS», DISTRIBUIDO PELA «SONORO-FILME L.D.A.»

6 Esta ternura de Fannya pelo estrangeiro exaspera Achmed, até então noivo oficial da pequena. Se esta lhe interessa, muito mais lhe interessa o seu dote, que é constituído, nada mais nada menos que pelos 77 milhões de dólares, em pedrarias faiscantes e ouro em barra... E Achmed decide-se a suprimir o rival...



7 De volta à América, Eddie é apoliticamente recebido. Cumpre as promessas. Realiza todos os seus sonhos de outrora. Em plena Broadway ergue uma fábrica-gigante de sorvetes e gelados, onde todos os garotos têm entrada livre e podem comer tudo o que quiserem, sem pagar vin-tém.



8 De volta à América, Eddie é apoliticamente recebido. Cumpre as promessas. Realiza todos os seus sonhos de outrora. Em plena Broadway ergue uma fábrica-gigante de sorvetes e gelados, onde todos os garotos têm entrada livre e podem comer tudo o que quiserem, sem pagar vin-tém.



9 Se bem que uma amizade fraternal tivesse nascido, durante as longas conversas em redor do narghilé perfumado, o poderoso Egipto resolve supliciar o seu amigo. Os outros pretendentes, que haviam perseguido Eddie, até ao Palácio, são encarcerados nos subterrâneos, até nova ordem.



10 De volta à América, Eddie é apoliticamente recebido. Cumpre as promessas. Realiza todos os seus sonhos de outrora. Em plena Broadway ergue uma fábrica-gigante de sorvetes e gelados, onde todos os garotos têm entrada livre e podem comer tudo o que quiserem, sem pagar vin-tém.



11 De volta à América, Eddie é apoliticamente recebido. Cumpre as promessas. Realiza todos os seus sonhos de outrora. Em plena Broadway ergue uma fábrica-gigante de sorvetes e gelados, onde todos os garotos têm entrada livre e podem comer tudo o que quiserem, sem pagar vin-tém.



Crónica da Semana

KING Vidor é um consagrado, mas não daqueles que acabam por andar à roda de si próprios como qualquer «carroussel» ou que entendem que o mundo vai depressa demais só porque o reumático lhes tolie o passo...

Mais tarde, como Van Dyke, e tantos outros, será considerado um dos bons «clássicos» do cinema americano.

«A noite de pecados», o último filme da sua autoria que nos foi apresentado, leva-nos à convicção que King Vidor se encontra na plenitude das suas qualidades de excelente realizador, seguro dos temas que interpreta — e de si próprio.

Com muita curiosidade esperamos o seu «Pão nosso de cada dia», que já foi anunciado entre nós para a presente época, mas isso é outra história...

Outra conclusão se pode tirar de «A noite de pecados»: é que Gary Cooper faz, visivelmente, grandes progressos.

Está um actor consciencioso. Estuda com inteligência e foge ao cabotismo. Ele é o galã que não cuida do laço da gravata, não perde tempo a colocar o lenço ao peito desta ou daquela maneira; equilibradamente sentimental, sem decair no romântico; másculo sem precisar para isso de andar «à chapada» (desculpa, Clark Gable! mas a culpa não é tua...).

No limiar da porta do quarto aonde está só o corpo daquele espírito que insensivelmente a pouco e pouco o ia ganhando, ele dá-nos um bocado de óptimo cinema, usando uma mimica impregnada de sensibilidade.

«— Fico aqui; não a quero ver. Ela era tão cheia de vida!». A cena fica na retina por longo tempo, como o ressoar dum sino de boa liga. E Gary Cooper convence, mostra que tem garra.

O seu futuro não dependerá das agências de publicidade.

Gary Cooper marca tão vincadamente o seu papel que é ele quem conduz a acção e Ana Slen, se bem que possuidora de apreciáveis recursos, não faz mais que acompanhá-lo: «vai a reboque»...

Dá a impressão que se esgotou um pouco na «Ressurreição» e está a tomar forças para nos dar mais tarde uma interpretação mais valiosa que esta «Mu-



Ann Loring goza as delícias do eterno estio da Califórnia

nya» que, mesmo assim, tem bastante interesse.

É vulgar assistirmos a estes altos e baixos de artistas. A responsabilidade é do realizador, diz-se.

Do realizador, por certo, e do enredo também.

Mas se é difícil determinar onde começa o trabalho do director e o do dirigido, com segurança se pode afirmar que o segredo do êxito de certas interpretações está na identidade dos dois personagens: o de celuloide e o de carne e ósso.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

GRAÇA INOPORTUNA

V EGETAM pelos cinemas deste burgo uns espectadores que, a despeito da sua minoria, constituem uma fauna que não é possível exterminar e cuja acção se caracteriza pela mais completa falta dos mais elementares conhecimentos de educação cívica.

As plateias do Pôrto são heterogêneas, com as de todo o mundo, mas há um certo número de frequentadores que, sem respeito pelos outros, nem por si próprios, se entretêm, durante os espectáculos cinematográficos, a declamar ditinhos, quando não atiram com gargalhadas alvares, sem propósito, só porque estão convencidos de que são engraçados.

mem não olha o pano branco do «écran» como boi para um palácio.

Quando, há anos existia, nesta cidade a Associação dos Amigos do Cinema, os seus elementos exerciam, pessoalmente, uma espécie de fiscalização que evitou alguns dissabores a muitos desses pseudo-engraçados, quando encontravam um espectador mais justificadamente exaltado.

Agora, que se procura fundar, nesta cidade um cluê cinematográfico, uma vez que essa ideia frutifique, aqui deixamos apontado aos iniciadores dessa tentativa, uma das missões que lhes cabe, com o que, decerto, facilmente conquistarão a justa simpatia dos empresários e, sobretudo, a do público, o mais prejudicado na emergência presente.

De qualquer maneira urge terminar de vez com essa fauna, produto da decadência mental duma geração a que felizmente não faltam valores para se imporem ante aqueles a quem uma deficiente educação cívica inspira uma intuíta repulsa.

UM GRANDE FILME

Excedeu toda a expectativa, tendo constituído uma verdadeira noite de arte, a apresentação do admirável filme «Corações desfeitos» que, duma maneira invulgar, entusiasmou todo o público que assistiu à sua estreia.

Katharine Hepburn, de quem o público ainda não tinha esquecido o excelente trabalho em «Quatro irmãs», é, incontestavelmente, uma grande e talentosa artista, dum grande e extraordinário poder interpretativo. O humanismo, a grande verdade da sua interpretação, esfrangalha os nervos do espectador menos sensível, porque Katharine sobe, sobe muito, ultrapassa os limites da arte, para nos dar a vida, a vida em todas as suas formas, que a sua máscara traduz com uma fidelidade, muito difícil de igualar.

Charles Boyer riposta brilhantemente à sua «partenaire», parecendo que os dois talentosos astros se juntaram para exaltarem triunfantemente a sétima arte.

Mas, o filme é Katherine, a sua nervosa, a sua alma, a sua garra, o seu incomparável poder de exteriorização, com que amarfanha o público, com que o identifica com a acção, com que o conquista, com que o domina.

O público numeroso que assistiu à «première» de «Corações desfeitos» foi unânime em elogiar francamente, abertamente, esta obra-prima que nos compen-
sa de algumas «partidas» que o cinema nos prega.

Estamos, na verdade, em face duma produção excepcional e duma grande Artista.

CARLOS MOREIRA

Carta
do
Porto

○ ciúme tem sido olhado sempre como um dos maiores defeitos da mulher. Se um lar se desfaz, se a sua harmonia periga a razão é sempre a mesma — «não admira, a mulher era ciumentas»...

E, no entanto, se profundarem bem o feito das pessoas das vossas relações verão que as mulheres ciumentas são as mais felizes. As infelizes, são, por via de regra, aquelas que deixaram os maridos à rédea solta, que os deixaram abandonar o lar, sempre que quiseram — convencidas de que a mais pequena censura ou instância em contrário os poderia indispor ou afastar mais do bom caminho.

Nunca se deve dar aos homens a impressão de que são deuses... Tanto mais que eles, vulgarmente, convencem-se de que são pessoas importantíssimas... Se tivesse o dom da onipotência e pretendesse criar a esposa perfeita, faria uma boa provisão de ciúme, para o empregar, como matéria favorita, na minha obra.

Não o ciúme exclusivista, desinteressado, vesgo, que proíbe os homens de ir ter com os seus amigos ou jogar o «golfe», mas um ciúme equilibrado que saiba até onde se deve deixar ir a liberdade dum marido...

Estou convencida de que uma mulher que se prese não gostará que seu marido a considere, bem como a sua casa — no número das suas comodidades.

Conheço casais que vivem cada um para seu lado: isto é, como eles dizem, «à moderna». Se fizerem notar a um dos conjugues que nunca o vêem acompanhado pela cara-metade, dirão provavelmente: «Oh! mas que antiquado que V. é. Essa história de fidelidade conjugal, perdeu-se na noite dos tempos».

Se bem que haja exemplos, duvido que, na realidade, se contem muitos casais felizes, com este sistema. Pode ser que as minhas ideias sobre o casamento cheirem a bafio. Mas se os esposos têm que viver cada um para seu lado — para que casarem então?

Na verdade, chego a convencer-me de que a atitude de deixar os maridos à rédea solta é a melhor para fazer perigar a felicidade dum lar. Muito embora muitos homens afirmem que têm que ser livres, acho que eles afinal gostam de se sentir prós. Se uma mulher se resigna à sua ausência, começam a sentir indiferença e duvidam dela. É a dúvida e não o ciúme, o que abala e destrói um lar.

Não há mulheres dignas dêsse nome, e que gostem verdadeiramente de seu marido, que possam suportar essa existência individualista. A mulher é e foi sempre exclusivista. O seu instinto do ciúme é salutar. Não pode haver amor sem ciúme. E acreditem nesta verdade: o homem é vaidoso e gosta que a mulher, oportunamente, lhe faça sentir os ressaibos dum ciúme discreto. Eis uma



fórmula a adoptar, uma política a seguir — por uma boa esposa. O que se deve evitar é o exagero de descompôr o marido a propósito de tudo e de nada, dos actos mais puros e mais inocentes.

Num dos meus últimos filmes, *Desire*, temos um magnífico exemplo dos perigos que podem trazer a ultra-independência e a ausência — ou a dissimulação — do ciúme. Trata-se de dois felizes semelhantes, de duas pessoas orgulhosas e ciosas da sua independência, ambos intimidados com a autoridade um do outro. Nem ele, nem ela se querem submeter. Como, aparentemente, ela não tem o menor ciúme, ele convence-se de que lhe é indiferente. Quando tudo indica que a única solução é separarem-se, a mulher compreende que não pode viver só, sem o amparo moral daquele que ama.

Assombra-me a quantidade de mulheres que querem viver segundo a ridícula

doutrina moderna. Deve haver, por certo centenas, que assentam as caboucos do seu lar sobre as areias movediças da indiferença. Para elas, o ideal máximo da felicidade é a sua independência, e, pouco a pouco, apercebem-se de que é, afinal, a sua desgraça. Gostaria de poder dizer a todas as mulheres: «Não percam aquele espírito romântico do tempo em que o vosso marido vos fazia a corte! Façam com que os vossos maridos se convençam de que estais fora de qualquer comparação. Façam-lhes sentir que lhes pertencem e que eles vos pertencem também! Em resumo: sejam equilibradamente ciumentas, quanto mais não seja para demonstrar o vosso interesse por eles».

A mulher que se resigna a que o seu marido saia com outra — não tem perdão. Sei que o caso é frequente, nos nossos dias, — mas os resultados podem ser fatais.

Os caricaturistas quando pretendem ridicularizar os dois sexos, desenham

uma mulher forte, arrastando pela mão, — como se fôsse um cãozinho — um homem carregado de embrulhos. Dessa forma pretendem traduzir o espírito de autoridade, peculiar a todas as mulheres! É lamentável que êsses desenhos, se bem que engraçados, partam dum princípio totalmente errado.

Seria mais engraçado mostrar um homem insignificante, transformado, graças à sua mulher, num marido empreendedor e triunfante. Os casos em que as mulheres são a salvaguarda e a «inspiração» dos maridos são frequentes. Mas nunca se fala dêles.

A mulher viva, elegante, confiante em si própria — existe. Os homens admiram-na, porém, como se fôsse um iceberg. Sentem a sua fria e ofuscante beleza. No entanto, sob esta couraça, a mulher de hoje é a mesma dos séculos passados. É sensível ao mesmo amor e ao ciúme! Confio em que ela não reprima o último — para provar que o primeiro não é letra morta!

MARLENE DIETRICH

UM CURIOSO ARTIGO DE MARLENE DIETRICH

“O nú é casto — quando é belo” disse não sei que filósofo, com uma certa razão. A verdade é que, se tomássemos ao pé da letra o conceito, um filme em que todas as «girls» da Cinelândia aparecessem naquele trajo paradisíaco com que se evoca a mãe Eva — seria o mais inocente, o mais casto — o mais puro dos espetáculos.

E talvez fôsse, na realidade! Nós, os homens, é que o poderíamos vêr com outros olhos. Em lugar de nos extasiarmos ante as linhas airoas das estátuas prodigiosas que essas raparigas encarnam — vê-las-íamos, possivelmente, através de maus pensamentos, de todos os delírios da imaginação...

Mas de tudo isso, não têm culpa as raparigas que «generosamente» se despem ante a câmara. Talvez o façam, é certo, com intuítos reservados... Mas mesmo que assim não fôsse, nós as perfumaríamos com o hálito do pecado.



Quere dizer — o mal não está no espectáculo que elas nos proporcionam, mas nos olhos com que o vemos...

O homem, porém, é o mais fraco dos seres, em face das suas paixões. Não as sabe nem as quere dominar. Não podemos ter as pretensões também de que «admirem» a mais perturbadora das raparigas americanas, com os mesmos olhos com que se extasiariam ante o sorriso feiticeiro da *Gioconda*!

Logo, como o mal, não tem remédio — pretendem os moralistas — é preciso cortá-lo pela raiz. Guerra ao nú. E a América encetou uma campanha tenaz, forçada pelas Ligas de Decência, que pululam nos diversos Estados «yankees».

A campanha do nú trouxe novamente à baila a velha questão da moralidade. Onde começa uma e acaba a outra? As opiniões dividem-se: Uma mulher, vestida com um «maillots», pode ser um espectáculo imoral. Ou-



gidos em liberdade, não mais pernas ao léu, não mais a sinfonia do nú na tela branca.

E como se vestem então as mulheres, nos filmes de hoje?! O mais provocadoramente possível. Sobre a nudez forte da verdade, limitaram-se a pôr o manto diáfano da fantasia... As «girls» calçaram perturbadoras meias pretas. As formas permaneceram imutáveis. Só variaram no seu aspecto exterior. Mas o efeito é o mesmo, ou pior. Porque, agora, todos os males anteriores agravam-se. Para além do que se vê, outros encantos existem. Os homens despenham, *in mente*. Pior um pouco. A imaginação é quasi sempre mais forte do

sedução não tem, ao que parece, segredos para ela.

E Mãe West diz: «quando quiseres seduzir um homem, despe-te o menos possível. Não são os «maillots» que fomentam as grandes paixões, mas as saias rodadas, de «panniers» — nos bailes «travestis» da Cinelândia...

«Uma mulher é tanto mais apeteccida, quanto menos revelar de si própria».

Marlene, por seu turno, confessa: «O meu maior erro foi revelar demasiadamente as minhas pernas, em *Anjo Azul* e *Marrocos*. Hoje, todos as conhecem de cor... Se me limitasse a deixá-las entrever, ainda hoje teria esse recurso para «segurar» o público (ou, pelo me-



que a realidade — e o mal subsiste... Sem cura possível...

Como evitar então a «imoralidade» do nú, tão apregoadado pelos pudibundos mentores da castidade «yankees»? Vestindo as mulheres! Não mais seios tur-

nos, certo público) quando os «cenários» que me cabem fôsssem fracos!

O nú, no entanto, ainda é um grande elemento de atracção, com que contam as mulheres. Folheiem uma revista. Referimo-nos aos homens, claro está. Podem olhar, por alto, as diversas páginas. Mas, em face dum nú, ou dum semi-nú, deters-e-ão, numa análise mais atenta. Podem criticá-lo, com ares de superioridade. Podem fulminar a belidade, com o seu desprêso. Mas não se podem furtar a contemplar a gravura, com outros olhos. O nú é um íman — um íman comercial de primeira ordem.

É por isso, que qualquer rapariguinha que vá para Hollywood, ainda que a cidade tire com o inverno, tão pouco rigoroso naquelas paragens, trata logo de se fotografar em «maillots».

Reparem nesta página. O nú está sabidamente explorado. É um nú parcial — mas evidente. E, no entanto, só excepcionalmente reconhecerão esta ou aquela artista. As outras são desconhecidas, pobres *ladies* Godivas do Cinema, que passeiam nús — para que toda a gente as veja.

Enquanto houver cinema, enquanto houver mulheres — o nú não acabará, nem que todas as Ligas de Decência do mundo intervenham. E que são a grande força dum e doutras — e não abundam na tela outros motivos, capazes de suscitar como este, tanto interesse e tanto agrado geral.

FERNANDO FRAGOSO



Richard Boleslawsky, com os seus dois filhos interpretando o filme que está a realizar



Clark Gable, na Exposição Canina de Los Angeles, apresenta estes quatro candidatos...



E. Maureen O'Sullivan com os seus dois cães, apresentando o filme que está a realizar

RODRIGUES Lapa é das mentalidades mais elegantes do nosso meio. Dizemos isto com a convicção superior das coisas definidas e certas. A sua obra de erudição literária não possui a poeira bafienta das velhas fórmulas, antes pelo contrário, é cheia de raciocínios claros; é com raciocínios cheios de razão que chega finalmente às suas conclusões. As «Lições de Literatura Medieval» são o exemplo mais concreto desta demonstração. E não só esta obra mas toda a sua biografia literária são a razão de ser do que fica dito.

Tem dedicado a vida inteira à sua vocação de pedagogo. As bases firmes dos princípios modernos de ensino têm nele um entusiástico adepto. Como prova do que fica dito estão os milhares de exemplares dos seus livros para o ensino da língua francesa no curso secundário, de colaboração com Cãmara Reis.

A vida, um dia, fê-lo jornalista. E Rodrigues Lapa está hoje à frente do jornal literário «Diabo», o único sobrevivente dessa bendita trindade — Fradique-Brandarri-Diabo — que durante vários meses animaram a vida dos que querem bastante às letras.

* * *

Rodrigues Lapa teve certa relutância em responder a este inquérito. Não por despeito ou má vontade, mas porque... o cinema é demasiado fútil, demasiado superficial. Mesmo quando trata certos problemas, desvirtua, mascara, deforma.

Afinal, estas acusações que fazem ao cinema a maioria dos homens de Letras, parecerá um paradoxo, mas não é o cinema que acusam; os acusados são, afinal, os seus dirigentes, como muito bem disse ainda há pouco Leitão de Barros.

Roberto Nobre, colaborador cinematográfico do «Diabo» e grande artista, também se insurgiu, num artigo publicado no «Diário de Lisboa», contra essa levandade, citando o caso da adaptação das obras de Shakespeare pela idiotia das sensibilidade americanas.

Portanto este divórcio, esta má vontade que existe, não tem afinal razão de existir. Rodrigues Lapa respondeu ao nosso inquérito. Escusou-se ao princípio. Eu, sem ele me dizer, é que presenti, adivinhei, essa pequenina relutância. Citei-a aqui propositadamente. Não quero, no entanto, deixar de aludir à boa vontade, ao carinho, com que finalmente respondeu ao nosso inquérito. Apreciamos devidamente o facto... e nestes tempos parece-me que é esta a melhor homenagem que podemos prestar à sua elegante mentalidade.

SOBRE A POSSÍVEL CRIAÇÃO DUM ESTILO

Eis a primeira pergunta:
— Que orientação deve seguir o cinema português para se criar um estilo caracteristicamente nosso?

Fala Rodrigues Lapa, director de «O Diabo»

— É delicada a resposta, pelo melindre que envolve a definição dum estilo caracteristicamente português, aplicado ao cinema. Compreende-se o que seja um estilo arquitectural, um estilo literário; um estilo de cinema é mais difícil de conceber. Se por estilo se entende a tradução no «écran» do que é particularmente português, nem por isso se pode dispensar o sentimento pessoal do realizador, a sua concepção da vida e do «portuguesismo». Enfim, para me exprimir mais claramente: acho difícil e até perigoso, nesta época de nacionalismo leleirão, criar um estilo português, que inevitavelmente nos conduz a dar preferência ao lado vil do nosso temperamento e do nosso carácter, (o fado, a Severa, etc.) ou ao seu gelo melancolicamente sentimental (Fidalgo da Casa Mourisca, etc.). Muito preferível, pois, à invocação dum estilo nacional, sempre arbitrário e necessariamente uniforme e restrito, será a exploração variada de temas portugueses (a paisagem, o labor da terra e do mar, a emigração, etc.), valorizada, enformada pelo estilo pessoal do realizador.

— Quais os problemas de maior importância que o cinema português deve focar?

Os problemas morais e sociais, num plano português, naturalmente. O cinema adquiriria assim uma alta função educativa e construtiva, que está longe de possuir.

O THEATRO E O CINEMA

— Qual lhe parece mais expressivo como meio de cultura e propagação de ideias: o cinema ou o teatro?

— Ambos eles, o teatro e o cinema, se completam em benefício da cultura e da propagação das ideias: o teatro dá-nos uma coisa inapreciável, insubstituível, a voz humana, sem intermediários, indo directamente à alma; o cinema fornece-nos o movimento, a variedade de perspectivas, e uma fotografia do natural, impossível no teatro. Simplesmente, o cinema, porque é mais barato, mais acessível às classes pobres, está destinado a desempenhar na sua cultura um mais eficiente papel.

— Devemos ir buscar os actores de cinema ao nosso teatro?

— Também me parece que, sendo coisas diferentes, cada uma dessas artes deve ter os seus actores especiais. Dá-me a impressão de que a falsidade das atitudes de certos actores de teatro, deslocados para o cinema, está precisamente na dificuldade dessa adaptação.

— Quais são os actores de teatro que

lhe parecem mais indicados para fazer cinema?

— Não tenho elementos para responder a esta pergunta. Ainda não vi entre nós actor de teatro que fizesse boa figura, incondicionalmente boa, no cinema.

SOBRE OS ARGUMENTOS

— Acha que os argumentos para os filmes devem ser originais ou adaptações de obras célebres?

— Em princípio, quanto a mim, todo o argumento deveria ser uma obra original. A tomada pura e simples dum obra literária é, de resto, quase sempre, uma traição, traição feita à obra e traição feita aos cinéfilos leitores.

— Na literatura portuguesa quais são as obras que lhe parecem mais adaptáveis ao cinema?

— Todas aquelas em que há uma nota de agitação, esforço, vontade indomável, inconformismo construtivo. Tudo, se quiserem, menos a «Severa» e a «Céa dos Cardiais», que espantado estou de ainda não estar no filme sonoro. Lembro-me de certos capítulos de Fernão Lopes, a literatura dos naufrágios, os próprios «Lusadas», alguns romances e novelas de Herculano, Garrett, Camilo. Eça, tudo, é claro, adaptado, transformado.

— Dos nossos escritores actuais qual lhe parece mais indicado para escrever argumentos de filmes?

— Não me sinto capaz de responder cabalmente a essa pergunta. Entendo, porém, que autor literário e escritor de argumentos cinematográficos deverão ser, em bom princípio, pessoas diferentes. Não sei mesmo se um autor estará em condições de conceber um bom filme, dada a diferença das duas técnicas: a literária e a cinematográfica.

REALIZADORES PORTUGUESES

— Quais as possibilidades dos nossos realizadores: Leitão de Barros? Lopes Ribeiro? Cottinelli Telmo?

— É pergunta difícil, irrespondível por mim. Teria aliás todo o empenho em lhe saber responder, dada esta circunstância: fui condiscípulo de aula e até de carteira de Leitão de Barros e de Cottinelli Telmo.

— Os nossos filmes devem ter um carácter regional ou cosmopolita?

— Deverão ter um e outro; de preferência regional, digamos nacional (o medo que tenho de pronunciar hoje esta palavra!), porque o nacional há de ser sempre embebido de superior interesse humano, a coisa que verdadeiramente interessa ao cinema.

Finalizamos com esta pergunta que não foi propositadamente uma pergunta girandola. A pergunta girandola é para o leitor:

— Não é realmente Rodrigues Lapa um intelectual?

TELMO FELGUEIRAS



O famoso pato dos desenhos de Disney, sob a forma dum balão gigantesco



W. S. Van Dyke e a vedeta do seu novo filme



Um primeiro plano ou a tortura dos vedetas...



Anny Ondra, a célebre fantasista alemã, está filmando em Berlim

ELISABETH Allan é aquela rapariguinha ingênua e simples, que vimos ao lado de Robert Montgomery, no *Mistério de Mr. X*, e, mais tarde, nos *Homens da Blusa Branca*, no papel da doce enfermeira que morria vítima do seu amor. Amanhã, em *Java Head*, filme inglês extraído do famoso romance de Hegerheimer, será uma filha da loira Albion, enamorada, que encontra no Extremo-Oriente, uma rival no amor, de quem se vinga de forma estranha.

Temos visto muitas vezes, noutros papéis de menor importância Elisabeth Allan. Tudo indica pois que tenhamos o legítimo desejo de a conhecer, um pouco mais.

Elisabeth Allan é uma rapariguinha inglesa, quase sem história. Nasceu em Skegness, onde seu pai era médico. Em Darlington, cursou uma escola dirigida pelos «quakers» e a austeridade do meio, não matou nela, desde garota, o desejo de enveredar os seus passos pelo palco. Foi a mais entusiasta de todas as amadoras dramáticas do internato e era com um prazer infinito que representava os dramas de Shakespeare, nas festas escolares, que se realizavam todos os anos.

Quando disse ao pai que queria ser artista — este opôs-se terminantemente. Preconceitos de família, o falso puritanismo inglês, obstaram que, logo de início Elisabeth se consagrasse à sua arte.

O pai queria, à viva força, que ela cursasse medicina. Resignava-se até que seguisse o curso de «instituições». Tudo, a vê-la no palco!

E tratou habilmente de organizar um jardim-escola modelo, cuja direcção lhe confiou. Demais, ela era doida por crianças — e tudo a fazia esquecer esses sonhos loucos que o verdor dos anos desculpavam.

E enganou-se redondamente o velho clínico. O mal era profundo. Criara raízes. E Elisabeth Allan, um belo dia,

apresentou-se na Academia Real da Arte Dramática. Recebera antes, lições de dicção — e foi acolhida de braços abertos...

Os inícios da sua carreira foram modestos. Começou por aparecer no palco dum dos mais antigos Teatros de Londres, o «Old Theatre». O velho repertório do colégio, os dramas de Shakespeare, subiram então à cena. Mas, ao contrário do que sucedia nas réguas escolares, davam-lhe, agora, papéis insígnificantes.

A aprendizagem fez-se, assim, com lentidão, mas com segurança. Após alguns meses de permanência, a companhia iniciou uma *tournee* pelo país. Viu novas regiões, cidades de que ouvira falar, em menina... E considerou, de si para si, que não havia profissão melhor neste mundo!...

O seu primeiro êxito no palco coincide com a estreia da peça de Edna Best, *Michael and Mary*. Tinha como parceiro Herbert Marshall, hoje figura marcante do cinema, *leading-man* de Greta Garbo, no *Veu das Ilusões*.

A sua actuação trouxe-lhe como consequência, um contrato para filmar.

Nesse tempo, em Londres, o cinema estava pouco mais adiantado do que está hoje por cá... Mas mesmo assim apareceu em muitos filmes. O primeiro foi *Alibi* e o segundo o seu êxito de tablado *Michael and Mary*. Mais dois filmes interpretou depois: *Service for Ladies*, com Leslie Howard e *Down our Street*, de Harry Lachman.

Hollywood não perde de de vista o cinema inglês.

E notou Elisabeth Allan, cujo talento, corria a par da sua simplicidade, da sua doçura infinita. O contrato não se fez esperar. E partiu para Hollywood com seu marido, o manager

Elisabeth Allan



MAIS
DELICIOSA
DAS
INGLESAS

J. O. Brian, com quem casara pouco tempo antes.

Um dos seus primeiros trabalhos, nos estúdios americanos, foi como parceira de Lionel Barrymore e Lewis Stone, em *Service*. Depois, com Richard Dix, apareceu *No Marriage Ties*, onde revelou, em toda a extensão, o seu incomensurável talento dramático. Reza a crónica de Hollywood, que durante a filmagem duma das cenas, Elisabeth Allan conseguiu fazer chorar todas as pessoas, que se encontravam no «set».

Hollywood, tornava-se-lhe, dia a dia, mais penosa. Seu marido, com efeito, regressara a Inglaterra, chamado urgentemente, pelos negócios. Mas Elisabeth filmou, ainda *O Mistério de Mr. X* e *Os Homens da Blusa Branca*.

Londres não a esqueceu. Chamou-a para *Java Head*. E Elisabeth Allan, neste momento, trabalha em Elstree, próximo por um contrato a longo prazo.

Gosta do mar. Viveu os primeiros anos da sua vida, no velho porto de Skegness. Aprendeu a amá-lo e a compreendê-lo. O seu sonho, actualmente, é arranjar uma casinha confortável, numa das ilhas dos mares do Sul, e poder adormecer, embalada pelo murmúrio do vento na ramaria dos coqueiros, e pela melopeia das vagas, que cantam docemente.

L. E.



DINA TERESA E A INGRATIDÃO DOS CINEASTAS PORTUGUESES

A inesquecível interprete da «Severa» nunca mais voltou a filmar!

EM Portugal, não há estrelas de cinema! De todas as raparigas que têm feito cinema, não houve uma só que lograsse impor-se de modo a conquistar a categoria de estrela.

E elas são as primeiras a reconhecer-lo. A vontade, por muito arraigada que fosse, nunca poderia suprir a inexperiência do estúdio. Tinham um sonho na sua mocidade. Fazer um filme. E um dia, como numa *«boite à surprises»*, surgiu-lhes um senhor simpático, que as achou interessantes e invulgares. Falou-lhes em torná-las estrelas, e o sonho passou de mera ficção à realidade. Somente a estrelas é que nunca chegaram! Acabado o filme, voltaram para a cena...

* * *

No entanto, houve raparigas que demonstraram qualidades para a tela.

Rosa Maria, a portuguesa recém-chegada do país dos dólares, foi a primeira estreante que se revelou. A sua interpretação em *«Maria do Mar»* foi aceitável. Mesmo muito aceitável. Era a primeira vez que filmava. Não se podia exigir mais. Se prosseguisse, as qualidades que denunciou fariam-se-lam, e estamos certos de que hoje, habituada a olhar para a câmara, seria uma futura estrela. Mas Rosa Maria desapareceu. Culpa de quem? Não sabemos. Ou dela, que se afastou, ou dos realizadores, que a esqueceram, preferindo as tentativas que têm redundado em fracassos.

Projecta-se o primeiro filme sonoro. Um filme de raça, *«O Leão de Barros»*, que

apregõe a simplicidade do nosso povo, a valentia da nossa gente. Vem a *«Severa»*, e com ela outra revelação: Dina Tereza.

O realizador de *«Lisboa»* descobriu, num camarim teatral, uma rapariga em cujos olhos, desesperadamente negros, vivia o romantismo estonteador das lezírias ribatejanas.

A sua voz, quente e aveludada, sabia entoar o fado, sem os garganteios avinhados, que conspurcam essa estranha melopeia de sentimento e tristeza.

E Dina filmou. Dia a dia, sem um desânimo, sem um queixume, ouvindo conselhos, e seguindo-os, escutando ordens e acatando-as. Dina Tereza entregou-se de alma e coração à sua «Severa» querida. O trabalho era difícil, a figura a interpretar requeria talento. Deu o seu esforço e deu a sua arte. Os interiores eram feitos em Paris. E Dina foi a Paris, grangeando na terra de Saint-Simon, amizades e admiradores.

Após o trabalho exaustivo de meses e meses, tudo se concluiu.

Dina Tereza, a cigana que sabia amar, vencera. A rapariga inexperiente que jamais havia filmado, interpretara, com felicidade, o seu papel. Os erros que cometera eram esquecidos ou apontados com benevolência, em face das qualidades históricas que patenteava. Portugal inteiro aplaudiu-a; escutou, com religiosa devoção, as suas canções.

O Brasil chamou-a; quis ver e acalmar essa «Severa» estranha, que morria a cantar o fado. E Dina Tereza percorreu as terras de Santa Cruz enoçando com a sua voz acalentadora:

O rua do Capelão,
Juncada de rosmarinho...

* * *

Hoje há um estúdio, a actividade cinematográfica aumentou, e ninguém se lembra de Dina Tereza. E esta rapariga que poderia vir a ser alguém no cinema português, anda pelos teatros de revista fazendo «travestis» e figuras mais ou menos duvidosas, com que o público amigo da piada forte (?) delira. E no Apolo, a fomos encontrar.

Balbúrdia de ensaio. As «girls» sob a direcção de Janou, marcam passos esquisitos e modernos, que denotam a proficiência do ensaiador.

— Dina, algumas palavras para «Cine-Jornal».

— Mas, meu amigo, eu já não pertenço ao cinema. O meu presente é o teatro.

— Neste momento; interessa-nos um pouco do seu passado e muito do seu futuro.

— Já que é tão imperativo, cedo.

Antes que passássemos ao condicional, sentámo-nos num sofá pouco cómodo, e iniciámos uma conversa curta, amena, sem fins determinados. Um único objectivo: Reviver o cinema na alma de Dina.

— Em Portugal — começou — ainda não se produziu nada que me satisfizesse. Puras tentativas, que merecem a nossa simpatia. Ulmas falharam, outras triunfaram.

— Mas...

— ...Não me chame vaidosa, quando ouvir a minha resposta. Não é vaidade. É sinceridade. O filme português que mais me agradou foi a *«Severa»*. Talvez por ser o meu!

— Gostou da sua interpretação?

— Não! Tenho nela muitos erros, que sou a primeira a reconhecer. Há cenas em que eu merecia apanhar com um martelo na cabeça. Acredite que muitas vezes, ao ver correr o filme, me rio de mim própria.

E, num desalento:

— Nunca tinha feito cinema...

— Não se importava de voltar a filmar?

— Oh! Quem dera! Hoje, quando me lembro dos tempos em que desempenhei a *«Severa»*, sinto dentro de mim uma saúde que me entristece. As lezírias... o sol... o Ribatejo... os projectores... o cinema!

Os olhos de Dina Tereza perdem-se em recordações. Não corto o seu pensamento. Depressa volta à realidade.

— Trocaria o teatro pelo cinema?

— Sem dúvida! Se o cinema me oferecesse as mesmas possibilidades que o teatro, não hesitaria um momento. Mas bem vê, isso é impossível. No tablado, é que ganho a minha vida.

— Da gente nova, que tem feito cinema, quem mais admira?

— Respondo-lhe com a mesma palavra que Garrett pôs nos lábios de D. João de Portugal: ninguém! Não digo que um ou outro não hajam revelado qualidades, mas era necessário que prosseguissem...

— Nesse caso, concorda com a inclusão da gente de teatro no cinema?

— Em absoluto. Se não fosse a gente do tablado, o cinema em Portugal não passaria dum belo sonho, longe do campo das realidades!

— Dentro da cinematografia, qual é a sua maior aspiração?

A resposta, salta dos lábios de Dina Tereza, rápida, seca, como se a tivesse preparado, há muito:

— Fazer o «Amor de Perdição»! Sou uma apaixonada dessa obra de Camilo. Quando a leio, vivo e sinto, no âmago da minha alma, a figura simples e abnegada de Mariana, dum modo que me galvaniza os nervos. Se um dia interpretasse essa personagem que Camilo criou, sentir-me-ia felicíssima. Nada mais ambicionava, na minha vida de artista!

— Depois da «Severa», teve possibilidades de voltar a filmar?

— Quando filmava em Paris, ofereciam-me dois contratos para ficar no estrangeiro. Recusei a aventura. Hoje, estou arrependida. Devia ter tentado a «chance». Depois, ver-se-ia o resultado...

— Se lhe dessem a escolher o galã para um filme seu, quem lá buscar?

— Acaba de morrer o artista que eu mais admirava: John Gilbert! Era belo e tinha «ais olhos»!

Ficou por aqui a entrevista.

Já quasi à saída, Lucinda Pinheiro não pôde reter a curiosidade sobre a nossa conversa com a protagonista da «Severa»:

— Foi convidar a Dina, para entrar nalgum filme?

Que curiosas são as mulheres!...

ANTÓNIO FEIO.

O CANTINHO DUM PROVINCIANO

CAETANO de Matos Rodrigues Tapada não é um desconhecido, no jornalismo da nossa terra. Fundou o *«Jornal de Tondela»* e a revista *«Beira Ilustrada»*, que marcaram a sua posição, na Imprensa Regionalista. Como colaborador de vários jornais desportivos, e como correspondente do *«Diário de Notícias»* e do *«Comércio do Porto»* mantém um contacto vivo e persistente com a Imprensa.

— Ao cinema, Caetano de Matos Rodrigues Tapada não é dedicado a sua melhor atenção. É um admirador entusiasta da Sélima Arte e um conhecedor profundo da sua técnica e das suas manifestações. *«Cine-Jornal»* conta-o, desde hoje, no número dos seus colaboradores. Estamos certos de que os nossos leitores vão receber com a maior simpatia as suas crónicas, que publicamos subordinadas ao título geral de «O Cantinho dum Provinciano».

(O assunto de hoje pode não interessar aos cinéfilos em geral; pode, mesmo, ser considerado como uma manifestação de vaidade, mas pouco nos importamos que nos tomem por vaidoso.)

E, francamente, quem há que tendo um pouco de amor à terra em que nasceu, não se sinta bem a falar dos seus conterrâneos ilustres?

É esse o nosso caso e, só por esse facto, quisémos escrever este original.

Tondela, a nossa adorada terra natal, é uma vila linda, moderna, encantadora, onde apelece viver, e a qual domina, como em tela forte de pintor de génio, lóda a ubérrima região do Curumulo, a mais linda Serra de Portugal.

Não a ligam à história quaisquer factos de vulto; afora a episódica passagem dos soldados de Junot quando das invasões francesas, e isso nos revela o formoso romance «A Filha do Polaco», parece que nada mais há para que o seu nome seja legado à posteridade.

Em compensação, possui o fertilíssimo cuncho figuras de grande relevo no campo das letras, das artes, das ciências: Tomaz Ribeiro, Cândido de Figueiredo, etc., etc.

Mais modernamente, também esses dois factos dominantes do século XX — desporto e cinema — têm sido enriquecidos com alguns vultos de mérito, o que constitui um bom índice da mentalidade e valor das gentes de Tondela.

No desporto, foi figura brilhante, com o seu apogeu de glória em 1928, o extraordinário internacional olímpico do Club de Foot-Ball «Os Belenenses», Cesar de Matos Rodrigues.

Marcam no jornalismo dessa especialidade António Rodrigues Teles e dr. Amadeu Rodrigues, aquele com o seu «Norte Desportivo», do Porto, e, este, com a sua «A Voz Desportiva», de Coimbra.

Elísio de Figueiredo Rodrigues, distintíssimo professor de natação, destaca-se dentro do importante Club Nacional de Natação, de Lisboa.

(O cinema, por sua vez, também conquistou já dois rapazes que esta vila viu nascer.

Elísio Rodrigues, com o ser um bom «sportman», tentou a sua «chance» na arte das imagens, interpretando um pequeno papel no engraçado filme «Cado Bravo».

E vamos que não se saiu mal o simpático rapaz.

É airosa a sua interpretação daquele «salto» que por causa dum beijo dado na heroína da fita (parece-nos que é

(Conclui na página 14)

OS DEUSES



○ «Central Cinema» apresenta, actualmente, distribuído pela Sociedade Raúl Lopes Freire, Limitada, a mundialmente célebre super-comédia musical da Ufa, *Os Deuses Divertem-se*. Trata-se, não só, duma grande vitória do cinema moderno, como, ainda, duma admirável e buliçosa afirmação de alegria humana. Como obra, de atrevido rasgo de beteza, baseada na mitologia, *Os Deuses Divertem-se* criam, à nossa volta, uma hora intensa de sonho, de ficção, de arte e de plenitude hilare. A crítica e o público, tantas vezes em desacôrdo, vão desta vez dar-se às mãos. O êxito será completo, formidável. É que toda a consecução oferece-nos maravilhas sobre maravilhas. Nada, que até hoje se tenha visto, se lhe iguale. Tais as suas vastas proporções de espectáculo grandioso e imponente. É uma obra que nos enche de constantes e magníficas surpresas. O argumento é um prodígio de engenho, de graça, fantasia e bom humor. O lance, quando não resulta numa situação

musical de seguro efeito, constitui, sempre, um instante gracioso ou deriva dum deslanchado que não deixará de fazer desopilar o mais sisudo... O ritmo é constante, radia da própria substância cinematográfica. A realização, de Reinhold Schünzel, é, em todos os sentidos, esplêndida. Ninguém, melhor do que ele, seria capaz de nos dar uma produção que sendo um assombro de técnica constituísse, ao mesmo tempo, um espectáculo vivo de alegria, de efeitos e objectivos brilhantíssimos, que vão apaixonar o público, mercê da sucessão constante de «clous» hilariantes, decorrendo em atmosferas sucessivas de doirado luxo, exuberantes de sorrisos capitosos, de explosões de alegria e de estupendo humorismo.

Os Deuses Divertem-se marcam uma etapa audaciosa no mundo dos espectáculos mais célebres e de maior fascinação que a tela nos tem proporcionado. A Ufa, no desejo firme de suplantir todas as possibilidades até ao momento reveladas pelo cinema, concedeu-lhe

foros, ainda mais definitivos, de espectáculo monstro. Deu à sua realização a amplitude duma ópera, desenvolveu um estilo de interpretação lírica completamente novo, inundou a acção de jorros de beleza e de efeitos plásticos e confiou o seu desempenho a alguns dos mais queridos e prestigiosos artistas da tela: Henry Garat, Armand Bernard, Florelle e Jeanne Boitel. Eles constituem o polo magnético deste sumptuoso triunfo musical da Ufa. A acção decorre na antiguidade, com personagens históricas e vários deuses e deusas da mitologia.

O ARGUMENTO

Júpiter, deus dos deuses, morre de aborrecimento no seu Olimpo, a-pesar-do carinho de sua esposa Juno. Acontece, porém, que Mercúrio, mensageiro dos deuses, anuncia-lhe que uma bela mortal implora da terra o regresso breve do seu esposo. Júpiter interessa-se pela sua sorte, mais ainda, depois, por saber que Alcimenes, a jovem grega em questão, é duma beleza de causar inveja às próprias deusas.

Júpiter decide descer à terra e, para travar amizade com ela, resolve transformar-se, no aspecto físico, no general Anfítrio, esposo da graciosa Alcimenes. Mercúrio, que o acompanha e o aconselha nesta delicada aventura extra-conjugal, transforma-se em Sosie, a ordenança do general Anfítrio. No patácio deste, Alcimenes fica surpreendida com o regresso imprevisto do que ela crê seu marido. Myrismis, sua companheira, esposa de Sosie, compartilha esta surpresa que se converte em alegria, quando Mercúrio se mostra tão amável e afectuoso, ao contrário do verdadeiro Sosie, brutal e grosseiro. Este duplo regresso festeja-se com um grande festim, no decurso do qual Júpiter se

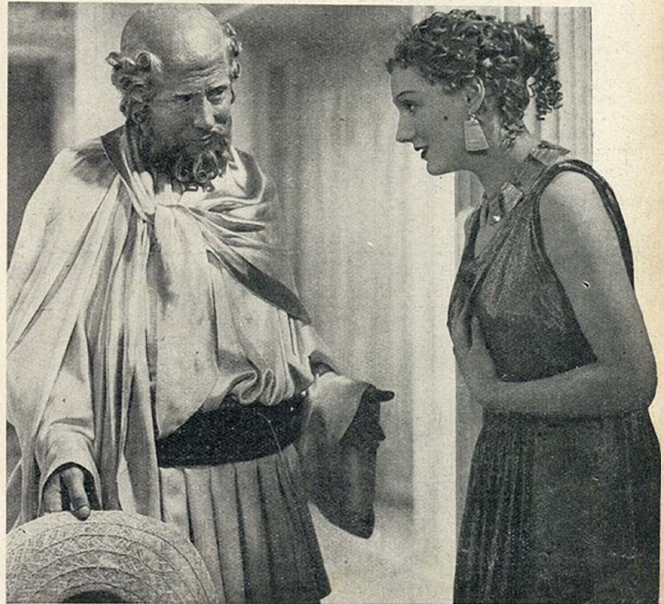
embriaga como um simples mortal, esquecendo-se da sua bela Alcimenes, que fica sentida com a sua indiferença.

No dia seguinte, porém, o autêntico Anfítrio regressa com as suas tropas vitoriosas.

Que sucederá?

Quando chega ao seu palácio, o general Anfítrio é alvo de amargas censuras de Alcimenes, pelo seu deplorável comportamento na véspera. Tanto basta para que ele se convença de que sua esposa não lhe guardou completa fidelidade durante a sua ausência. Procura um advogado e insiste, junto dele, pelo divórcio. Por outro lado, Sosie nota uma grande modificação na atitude de Myrismis, que astutamente se adianta e lhe declara ir divorciar-se.

Júpiter, que, decididamente, adora as metamorfoses, toma, com a ajuda de Mercúrio, o aspecto do advogado e arranja o assunto. Porém, os seus desejos de se aproximar de Alcimenes fazem-no, novamente, tomar a figura de Anfítrio. Encontra-a em consulta com o seu médico, pois as sucessivas emoções sofridas produziram-lhe um violento abalo físico. O médico conhece, igualmente, o «Anfítrio-Júpiter» e diagnostica uma enfermidade grave e perigosa. Ordena que ele seja deitado e, que se lhe apliquem supuríferos. O pobre mortal vê, mais uma vez, fugir-lhe a ocasião duma conversação galante com a deliciosa Alcimenes. Mas no Olimpo, Juno tem conhecimento dos desvarios do seu divino esposo e resolve descer à Grécia, onde adquire a certeza de que Alcimenes está absolutamente inocente. Tudo se explica e as dúvidas entre os dois esposos dissipam-se. Juno faz regressar Júpiter ao Olimpo, lugar divino e conjugal, enquanto Mercúrio se desepera com o «curto papel» que lhe coube em sorte nesta deliciosa aventura.



O FILME MAXIMO DA UFA
o mais grandioso espectáculo musical, apresentado, até hoje, pelo cinema europeu!

FILMES QUE VAMOS VER



A CARMEN

L O I R A

campo a-fim-de escreverem a sua nova opereta. Joseph supõe que Maria é uma camponesa e propõe-lhe contratá-la como governanta. Maria aceita e passa a viver em casa dos dois amigos. Mas o empresário resolve apressar a estreia da opereta e manda-os regressar urgentemente a Berlim. Joseph que está enamorado de Maria, recusa-se a partir.

Alarmado, Max Kruse, o empresário, aparece em pessoa, a-fim-de convencer Joseph. Mas a decisão d'este é irrevogável. De acordo com Ilka resolvem contratar Maria para fazer um pequeno papel da opereta. E assim, Joseph será obrigado a segui-la para Berlim. Mas Lili Costa, a estrela da Companhia recusa-se a representar, ofendida por terem contratado uma nova artista. Ilka sugere a ideia de convidarem a grande cantora Maria Barkas para fazer o primeiro papel. E ela própria se oferece para tratar do assunto. Na noite da estreia, com a casa esgotada, chega-se à hora de começar o espectáculo e Maria Barkas não aparece. Para cúmulo, a camponesa Maria engana-se e enverga o traje de *Loira Carmen*, o papel de Maria Barkas. Mas no fim tudo se esclarece. E Joseph, com uma opinião diferente a respeito das artistas, pergunta a Maria Barkas se também o ama como o amava Maria, a camponesa...

MANUCURE, Massagem das mãos, correcção de sobrancelhas, desaparecimento dos pelos por métodos modernos.



Academia Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35

TELEFONE 21866

L I S B O A

N'CAMPOS

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras e mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores—Capa a cores
Esc. 1\$50

STADIUM

A me'hor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de ótimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27

Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp., Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da

Trev. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano	48\$00
25 " 6 meses	24\$00
12 " 3 meses	12\$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano	65\$00

As composições gráficas das páginas desta revista são de
RAUL FARIA DA FONSECA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UNIDOS ETER-

N A M E N T E



GEMMA Jones é um estranha rapariga que veio para o hospital de Venesa ter o filho. Mais tarde, Sebastian Sanger, filho do compositor Albert Sanger, encontra-na na rua, cheia de fome e miséria, e leva-a para sua casa.

Caryl, irmão de Sebastian, está enamorado de Fenella Mc Lean, a filha de um rico casal inglês que habita no Palazzo Neroni. Mas Gemma, inconscientemente, estraga este romance de amor e faz com que os pais de Fenella a levem para os Alpes Dolomites. Sebastian compromete-se a remediar o caso e acompanhado de Caryl e Gemma resolve ir em busca de Fenella. Encontra-se com ela no terraço de um hotel e apaixonou-se da mulher que ele ignora seja a noiva do irmão. Mas Gemma esclarece o caso e como tem ciúmes de Sebastian estabelece as pazes entre Caryl e sua noiva.

Em seguida parte para Londres com o seu filhinho. Sebastian compreende, então, que a ama e não pode viver sem ela. Segue-a e quando chegam a Londres casam-se.

Sebastian está compondo um «ballet» para a Ópera, e Gemma vê-se obrigada a ir servir, a-fim-de manter a casa.

Sebastian que não pôde esquecer-se de Fenella, continua a fazer-lhe a corte

e oculta-lhe o seu casamento com Gemma. O pequeno Tom adoece gravemente e morre. Gemma encontra-se completamente só. Sebastian está no ensaio geral do seu «ballet» e quando Gemma o procura manda-a embora, sem a atender.

O seu «ballet» triunfa e ele regressa a casa acompanhado de Fenella. Como não encontra Gemma, supõe que ela o

abandonou e persuade Fenella a fugir com ele.

Entretanto chega Caryl com a notícia da morte da criança e do desaparecimento de Gemma. Ao aperceber-se da traição de Sebastian pretende matá-lo. Mas a entrada de Gemma salva-o. Caryl parte, levando consigo Fenella. E Gemma perdôa tudo a Sebastian que promete levá-la para Venesa e emendar-se.

O cantinho dum provinciano

(Conclusão da pág. 12)

assim, pois não estamos bem seguros já desta passagem da obra) é obrigado a dar «às de Vila Diogo», não sem que, primeiro, tenha sido valentemente soado.

Elisio disse muito bem, fez muito bem o seu papel e as críticas, que foram até à minuciosidade de falar do trabalho dos intérpretes menos categorizados, só tiveram elogios para este rapaz.

O outro novo que também tem procurado marcar o seu lugar, já-lo com a

maior segurança, em terras de Santa Cruz.

Referimo-nos a Sérgio Ferraz, que com todo o somatório da sua secunda inteligência que bem conhecemos, dirige a importante revista «Cinemas», que se publica no Rio de Janeiro, colaborada por algumas das maiores mentalidades cariocas.

Sérgio está bem lançado. Fêz 4 anos que a miragem da fortuna o levou até aos Brasis, onde já estavam seus pais, e, de ascensão a ascensão, vemo-lo hoje a pontificar num meio tão grande, tão heclerogéneo, nessa Babel de ideias e de factos que é o Rio de Janeiro.

Não é agora o modesto jornalista pro-

vinciano que nas vezes em que nos encontrava em Viseu nos falava, muito a medo, do sucesso do seu «Garoto» e que desejava largo futuro no nosso «Notícias de Tondela». Não.

É o prestigioso dirigente duma publicação que tem o seu lugar conquistado; é o homem relacionado com as importantes figuras da cinematografia brasileira.

Temos na nossa frente o número de Natal de «Cine-Jornal», em que o vemos na agradável companhia do conhecido produtor e distribuidor português de filmes, H. da Costa, e da linda estrela carioca Carmen Santos.

Mostrou-nos já um amigo uma foto-

grafia sua, passeando numa das ruas do Rio de Janeiro, ao lado de Ramon Navarro.

Como tondelense, enche-nos de orgulho ter por conterrâneos figuras duma tal convergência; como português, também não pode passar-nos indiferente a certeza de que lá fora há compatriotas que sabem pôr à prova a sua mentalidade, honrando Portugal.

Era isto o que queríamos dizer quando pensámos escrever o presente artigo.

Tondela, Janeiro de 1936.

CAETANO DE MATOS R. TAPADA



CINEJORNAL

ATENÇÃO!

4 GRANDES SUPER-PRODUÇÕES!

A estrear brevemente nos melhores cinemas de Lisboa

O Príncipe Incógnito

A Companhia Cinematográfica de Portugal, que, este ano, nos tem dado uma notável série de filmes, que vão desde os documentários como *Bubona*, aos filmes policiais de *Charlie Chan*, passando pela maravilhosa série das Shirleys, a Companhia Cinematográfica de Portugal — dizíamos — vai estrear, dentro de pouco tempo, mais quatro filmes notáveis, para os quais, desde já, queremos chamar a melhor atenção do público: *Noite de Opera* (Metropolitan), com o extraordinário cantor Lawrence Tibbett e Virginia Bruce, a ex-mulher de John Gilbert, artista formosíssima, de extraordinária beleza; *O Príncipe Incógnito* (Gay deception), com Francis Lederer, o correctíssimo galã, e Frances Dee; *A Canção do Triunfo* (Here's to Romance), com o assombroso tenor Nino Martini e a magnífica artista Geneviève Tobin; e ainda *Mil vezes obrigado* (Thanks a Million), com Dick Powell, uma vedeta das mais célebres na América inteira, e Ann Dvorak, a inesquecível irmã de Paul Muni, em *Searface*.

Neste último filme, Paul Whiteman, o famoso rei do «jazz», e a sua orques-



Mil vezes obrigado

tra executam algumas das peças mais célebres.

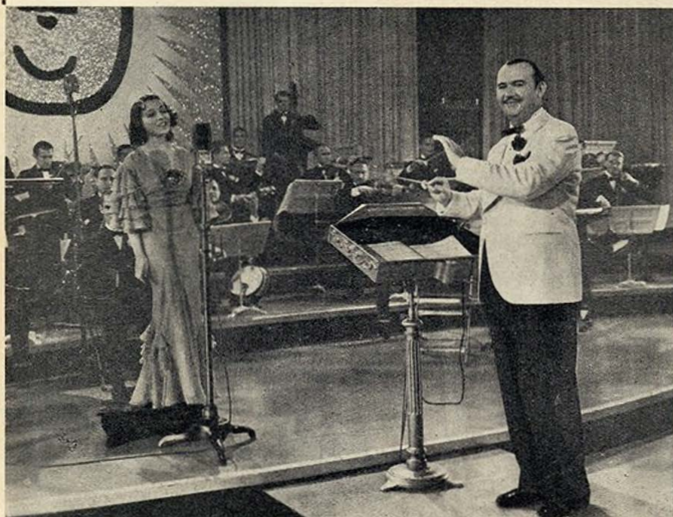
Não nos queremos alargar em pormenores sobre as características de cada um dos filmes. Limitamo-nos apenas a garantir que estas quatro produções são das mais recentes, saídas há pouco dos estúdios americanos, e que têm uma categoria insofismável. A Companhia Cinematográfica de Portugal continua a marcar brilhantemente o seu lugar entre as demais firmas distribuidoras e é, de facto, apresentando programas desta classe que uma firma se impõe.

Os quatro filmes que citámos pertencem já à nova era da Fox, isto é são já produtos da fusão da prestigiosa firma com a 20th Century, que, até há pouco, estava ligada à United Artists. É sobretudo no cinema que a união faz a força, e a fusão a que nos referimos tem-se feito sentir benéficamente na qualidades dos filmes já apresentados.

Damos, abaixo, três fotos. Numa, vemos Lawrence Tibbett em *Noite de Opera*. As outras duas são cenas de *Mil vezes obrigado*, figurando numa delas Paul Whiteman e a sua orquestra famosa.

Noite de Opera

A Canção do Triunfo



4 Filmes da 20th Century-Fox, distribuídos pela Companhia Cinematográfica de Portugal (SecçãoFox)

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 16 — 3 DE FEVEREIRO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



BREVEMENTE: A GRANDE SEMANA DE FESTAS DE «CINE-JORNAL»